

Paróquia Santa Maria Goretti – Pastoral da Catequese

Encontro de formação

24º Domingo do Tempo Comum 11-9-2016 **Lc 15,1-32**

O capítulo 15 é o coração do evangelho de Lucas e, poderíamos dizer, de todo o Evangelho. No seu centro, Lucas reuniu três parábolas. Elas ilustram o mesmo tema: participar da alegria de Deus, que agora, por meio de Jesus, acolhe e salva os pecadores. O amor e a bondade de Deus, visíveis em Jesus, libertam as pessoas de suas misérias, da solidão e do desespero. O evangelho de Lucas é considerado o evangelho dos grandes perdões, a parábola do filho pródigo (Lc 15,11-32) é sua obra-prima. É, provavelmente, a mais famosa das parábolas de Jesus. Além de ser um clássico de intuição espiritual, é uma joia literária. Com ela, Jesus ilustra a importante aceitação viável no Reino de Deus. Fala do acolhimento prestado pelo Pai ao pecador.

- Publicanos e pecadores: junto com Jesus, estavam os publicanos, que são os cobradores de impostos considerados impuros diante da lei. "Pecadores" era uma expressão utilizada para designar pessoas que levavam vida imoral, tais como adúlteros e falsificadores (Lc 18,11), se referia ainda a todos que exerciam profissão desonrosa como vendedores ambulantes, cobradores de impostos. Junto com eles estavam também mestres da lei e fariseus que, ao contrário dos demais, estavam ali para criticá-los e julgá-los, pois para eles Jesus se associava às pessoas de má fama.

- De cem ovelhas, perde uma: A ausência de uma ovelha é uma perda, uma dor para o pastor. Não basta a presença das 99 ovelhas, o que falta é aquela uma que se perdeu. Ele deixa as 99 ovelhas no deserto, elas também correm o risco. Deixá-las no deserto é também fazer que se sintam solidárias e co-responsáveis por aquela uma que se perdeu.

- Vai atrás daquela que se perdeu: O pastor também arrisca tudo para recuperar aquela uma que falta. O pastor não fica esperando que ela retorne por si mesma. Se ela se perdeu, precisa do cuidado, pode estar correndo risco de morte. Ovelha sozinha, sem rebanho, é presa de todo tipo de perigos. O pastor só terá descanso e paz quando a encontrar. Assim também nós não podemos esperar que os pecadores se arrependam e retornem à Igreja. É preciso ir em busca deles, ir encontrá-los onde se perderam.

- Até encontrá-la coloca-a nos ombros com alegria: A cena é linda demais. Esperava-se a repreensão, o castigo por ter-se afastado dos demais. Não é isso que ocorre, mas o acolhimento. O pastor com a ovelha nos ombros e cheio de alegria mostra que sua busca não foi em vão. Ele não a faz retornar ao lugar onde estão os demais, mas ele próprio a conduz. Ele sabe onde é o redil, o lugar seguro.

- Em casa reúne os amigos e vizinhos: O pastor volta agora para a casa, o outro lugar seguro. Sua alegria não pode ficar só para si e para o rebanho completo. A alegria precisa ser compartilhada com os amigos e vizinhos.

- Alegrai-vos comigo!: A alegria é um sentimento que precisa ser partilhado. Ninguém consegue ser feliz sozinho. O Evangelho de Lucas é o evangelho da alegria, presente desde o início (Lc 1,14.28.44.58; 2,10 ...). As três parábolas do cap. 15 são chamadas também de parábolas da alegria (Lc 15,5.6.9.10.32). Os primeiros cristãos praticavam a mensagem de Jesus "partilhando o pão com alegria" (At 2,46).

- No céu haverá mais alegria por um pecador que se converte: A alegria do pastor é também a alegria de nosso Deus. O AT traz tantas imagens de Deus como bom pastor (Is 40,11; Jr 23,1-4; Ez 34; SI 23). A alegria de Deus é a reunião de todos os filhos e não somente dos "justos". É quando estão todos juntos que a alegria é completa, como a alegria da mãe ao ver a família reunida. A alegria no céu é completa quando todos estiverem presentes, sobretudo aqueles que haviam se extraviado. Haverá sim alegria por aqueles que se mantiveram fieis, mas muito mais pelo retorno daqueles que retornaram. A mesa da partilha não pode ter alegria se está lá a cadeira vazia de um irmão nosso.

- Um homem tinha dois filhos: Uma nova parábola é acrescentada. O cenário montado é o de uma casa paterna. Nela, Jesus apresenta o pai de família e seus dois filhos. Um mais jovem e outro mais velho (Lc 15,11-12). Essa imagem alude ao conhecimento dos ouvintes sobre as histórias de dois irmãos, como Esaú e Jacó (Gn 25,27 -34), também José e seus irmãos (Gn 37,1- 4), nas quais o irmão mais novo triunfa sobre o mais velho. Mas nesta parábola Jesus inverte duplamente as expectativas: o "filho pródigo" é uma parábola do bem sucedido irmão mais novo e o mais velho não é derrotado, mas convidado para a festa.

- Dá-me a parte da herança que me cabe: O filho mais novo faz um pedido ao pai e este divide os seus bens entre os dois filhos. A lei judaica previa que o filho mais novo recebesse um terço dos bens de seu pai, ao passo que o filho mais velho

recebia uma parte da herança em dobro (Dt 21,15-17). Em geral a divisão dos bens só acontecia depois da morte do pai (Eclo 33,20-24) e havia cláusulas na lei tradicional quando a parte era retirada antes da hora. Mas, mesmo conhecendo esses dados, o pai consente no pedido.

- Cuidar dos porcos: Em terra longínqua o filho mais novo perde tudo e fica na miséria. A única coisa que lhe resta é trabalhar num chiqueiro para cuidar dos porcos (Lc 15,15). Para os judeus cuidar dos porcos evoca a ideia de apostasia e a perda da sua identidade. O porco era o animal mais usado nos sacrifícios gregos e romanos. Do ponto de vista judaico, comer carne de porco era sinônimo de paganismo e apostasia do judaísmo (2M c 6,18-10; Is 65,1-5). Era o cúmulo da degradação para um judeu, pois o porco era um animal impuro (Lv 11,7). Portanto, o moço torna-se impuro, perde a sua dignidade. A sua situação é tão deplorável que ele está abaixo dos porcos, porque os porcos comem e ele não pode nem matar a sua fome com as bolotas que alimentam os porcos (Lc 15,16). Ou seja, uma humilhação, pois os porcos gozam de melhor sorte que ele.

- Vou procurar meu pai: Diante das privações e situação de miséria em que se encontra, o filho mais novo sente saudade da casa do pai e toma uma decisão. É melhor voltar para a casa, mesmo se for na condição de empregado do pai. Não dá para viver na solidão, com fome, no abandono, sem um lar para morar (Lc 15,17-19). A calamidade faz com que recobre o juízo. Voltará a sua casa como diarista. Ensaia com cuidado um discurso, esperando ser tratado com frieza e desconfiança.

- Seu pai viu-o, encheu-se de compaixão, correu e lançou-se-lhe ao pescoço, cobriu-o de beijos: O pai, movido de compaixão ao ver o filho quando "ele estava ainda ao longe" (Lc 15,20), corre ao seu encontro, abraça-o, cobre-o de beijos! Para demonstrar a compaixão do Pai, Lucas utiliza nesta parábola uma palavra que revela o amor profundo de Deus pelos seus filhos. É o verbo grego *splagnizomai*, trata-se das entranhas da misericórdia divina, um sentimento profundo de compaixão, de ternura, que toca as vísceras. O pai não leva o assunto por via legal, como prescreve a lei judaica, condenando ao apedrejamento o filho rebelde (Dt 21,18-21), mas se deixa levar pelo afeto paternal. Correr era um comportamento indigno para um ancião oriental, todavia, Lucas quer exprimir o excesso do amor de Deus através destes pormenores que põem em relevo o amor do pai. Com os beijos, o pai demonstra ao filho mais novo o seu perdão (2Sm 14,33).

- Ide depressa, trazei a melhor túnica e revesti-o com ela, ponde-lhe um anel no dedo e sandálias nos pés: Diante da acolhida do pai, o filho não consegue repetir o discurso que havia ensaiado. Antes que termine seu pedido de perdão o pai age o mais depressa que pode. Providencia a melhor túnica, um anel e sandálias (Lc 15,22), tudo o que classifica o jovem como filho da casa, não como servo. Com esses símbolos o pai torna pública a restituição da dignidade do filho. A túnica é uma exigência para participar do banquete nupcial (Mt 22,8-14), é a representação de uma vida convertida. Os pecadores são convidados, mas espera-se que se arrependam. O anel é sinal de autoridade e as sandálias manifestam o status das pessoas livres. Para o pai a única coisa que importa é que o filho está vivo, foi reencontrado com "saúde" (Lc 15,27). Não há nenhum espírito de recriminação, nenhum plano de fazer com que o jovem mostre-se merecedor. O filho é mais importante do que qualquer coisa que tenha feito.

- E começaram a festejar: O pai manda os servos preparar o novilho cevado para celebrar o retorno do filho mais novo ao lar. "Comamos e festejemos" (Lc 15,23). A carne, que só era comida raramente, assinala que esta é uma ocasião muito especial. "Pois este meu filho estava morto e tornou a viver; estava perdido e foi reencontrado" (Lc 15,24.32). Uma vida nova merece ser festejada!

- O filho mais velho: Quando voltava do campo "ouviu músicas e danças" (Lc 15,25) e ao ter notícia do regresso de seu irmão mais novo, "ficou com muita raiva e não queria entrar" (Lc 15,28). Nem mesmo a volta do irmão faz com que participe da celebração familiar. "Seu pai saiu para suplicar-lhe" (Lc 15,28), uma vez mais é o pai que toma a iniciativa. Ele sai e suplica ao filho que participe da sua alegria, vai ao encontro do filho mais velho, assim como foi ao encontro do filho mais novo. Mais uma vez, o ponto central da parábola é o amor paterno. O filho mais velho protesta contra o irmão e o pai, faz um discurso em termos de retribuição comparativa. No entanto, o pai não nega a fidelidade do filho mais velho, mas quer que ambos fiquem felizes.

A parábola da ovelha perdida e encontrada mostra como é o agir de Deus, de Jesus, o Bom pastor. A graça que Deus usou para conosco, seus inimigos quando pecamos e nos perdemos nas estradas da vida. Ele vem ao nosso encontro e quando nos deixamos encontrar, nos abraça e nos carrega nos ombros. O Pai não exclui de seu coração nenhum filho. Só se exclui do Pai quem exclui um irmão ou irmã. Mas Jesus, o Filho que conhece o Pai, faz de tudo para recuperar também aquele ou aquela que, excluindo o irmão, se exclui do Pai. A segunda parábola também nos mostra o modo de agir de Deus. Estamos diante de um "passivo divino", ou seja: o pai da parábola representa o Pai. É assim que Deus age diante dos filhos pecadores que regressam. A parábola nos ensina que podemos voltar sempre para a casa do Pai. E também agir como Deus para sermos "misericordiosos como o Pai do céu é misericordioso" (Lc 6,36). O Papa Francisco nos ensina que "Deus nunca se cansa de perdoar, mas somos nós que nos cansamos de pedir a sua misericórdia" (EG 3). Independentemente do lugar e situação em que se encontre, o cristão é convidado a renovar o seu encontro pessoal com Jesus Cristo ou então a tomar a decisão de deixar-se encontrar por Ele. É um convite a todos! Quando uma pessoa dá um pequeno passo em direção a Jesus, descobre que Ele já aguardava de braços abertos a sua chegada.

Paróquia Santa Maria Goretti – Pastoral da Catequese

Encontro de formação

25º Domingo do Tempo Comum 18-9-2016

Lc 16,1-13

O Evangelho de hoje apresenta uma parábola contada por Jesus com relação ao uso dos bens terrenos, mas engana-se quem pensa que Jesus falará somente de dinheiro! A cena narrada por Lucas se desenrola em torno daquela mesa onde Jesus como com os pecadores (cf. Lc 15,1). Após ter revelado aos “justos” que o censuraram o coração do Pai (Lc 15, 2ss), revela aos discípulos o justo uso dos bens deste mundo. O tema do capítulo 16 é justamente esse: a gestão correta da própria vida, em última instância, para chegar à vida eterna. É nesse sentido que é inserida a parábola do administrador astucioso, que responde à pergunta: o que "fazer" para nos tornarmos misericordiosos como o Pai (Lc 6,36)?

- Um homem rico tinha um administrador: A parábola começa apresentando o personagem principal: um administrador dos bens de um homem rico. A administração dos bens de alguém era uma profissão muito comum, especialmente nas grandes fazendas que estavam na região mais fértil da Palestina, a Galileia.

- Que é isto que ouço a teu respeito? Presta contas da tua administração: O administrador é chamado por seu senhor para prestar contas, uma vez que tinha sido denunciado por esbanjar os bens que lhe haviam sido confiados. Mais, o senhor ameaça tirar-lhe o seu emprego. Esse tipo de administrador geralmente tinha bastante autonomia com relação aos bens do patrão e não recebia um salário estrito. Seu lucro era feito a partir da aplicação do dinheiro que tinha em mãos, geralmente emprestado a outros com altos juros, que garantiam um rendimento significativo ao administrador.

- Que vou fazer? Diante da ameaça sobre seu emprego, o administrador mostra uma posição inteligente. Ele vê um grande problema diante de si, mas pensa no que é mais plausível fazer para sair desta situação. É uma grande chance para ressignificar sua vida e escolher fazer outra coisa que não a exploração do capital e do trabalho das pessoas que precisavam de empréstimos. Antes, ele usava o dinheiro alheio para enriquecer. Agora, uma vez que não está capacitado para outro trabalho e tem vergonha de mendigar, terá que optar entre alguma manobra sombria que continue fazendo mal a outros ou a uma atitude que tire seus lucros pessoais.

- O perdão aos devedores: Rapidamente, o administrador chama os devedores e lhes oferece uma diminuição significativa de seus débitos: a um, oferece 50% de desconto e, a outro, 20%. Com isso, o único prejudicado seria o próprio administrador, pelo menos em curto prazo, já que manteria seu emprego. Agindo assim ele não se tornaria desonesto com o seu patrão, pois não tocaria no patrimônio que lhe tinha sido confiado. Ao mesmo tempo, tornava-se "bondoso" diante dos devedores que viam suas dívidas diminuídas e, assim, fazia amigos que lhe pudessem ajudar, caso o patrão cumprisse a ameaça de demissão.

- E o senhor elogiou o administrador desonesto, porque ele agiu com esperteza: O centro de Lc 16,1-9 é o elogio do administrador (v. 8) e o convite a agir como ele (v. 9). A lição da parábola é que os bens materiais devem ser administrados pelo que são, ou seja, na sua natureza de dom. O ser humano não é senhor de nada; se tem alguma coisa, é porque recebeu como dom do Senhor. Mas Lucas sabe que o que acumulamos é fruto de alguma injustiça: não acumulamos propriamente por amor a Deus e ao próximo! Diante disso, o discípulo, que encontrou o único Senhor e o tesouro do Reino (Mt 13,44), é chamado a viver segundo um critério oposto ao do egoísmo. É isso que é preciso fazer: os bens desse mundo são um dom do Pai e devem ser compartilhados com os irmãos. Se o bem é dom na origem, deve sê-lo igualmente na destinação!

- Os filhos deste mundo são mais espertos em seus negócios do que os filhos da luz: Entre o grupo de essênios que morava em Qumran, era comum falar dos "filhos da luz" que deviam se separar dos "filhos das trevas". Eles próprios haviam decidido ir para as margens do Mar Morto para fugir do mundo e viver em uma comunidade própria. Talvez aqui encontremos um chamado de Jesus para que os cristãos não escapem do mundo, mas estejam dentro dele não com a esperteza que faz o mal e visa o lucro que não pode ser medido. A verdadeira transformação do mundo passa pela transformação dos valores do discípulo, que precisa espalhar no mundo social e econômico a dimensão da misericórdia: a quem perdoa, será perdoado; a quem dá, será dado (Lc 6,37ss.). Temos aqui um tema que atravessa toda a Bíblia: quem dá ao pobre empresta a Deus (pr 19,17); é melhor dar esmola que acumular ouro (Tb 12,8); a solidariedade salva da morte e purifica de todo pecado (Tb 12,9); a caridade cobre uma multidão de pecados (1 Pd 4,8).³⁴

- Quem é fiel nas pequenas coisas também é fiel nas grandes: Os w. 9-10 mostram um sentido ainda mais profundo da parábola, que tira os homens da realidade financeira e econômica e mostra que aquele que perdoa toca uma realidade mais profunda, a do Reino de Deus. O texto ensina que, administrando bem a realidade terrestre (chamada por diversos nomes: "o mínimo", "o dinheiro injusto", "o que é dos outros"), conseguimos a celeste (chamada de "o muito", "a coisa verdadeira", "o que é vosso"). O céu só pode ser alcançado a partir da luta aqui na terra para sermos cada dia melhores e misericordiosos com relação ao outro.

- Vós não podeis servir a Deus e ao dinheiro: A alternativa em relação à qual temos que nos decidir está no v. 13: ou Deus ou "Mammona", normalmente traduzido por "dinheiro". Os w. 10- 12 ensinam a não demonizar os bens e os w. 14-15 a não os absolutizar, o v. 13 alerta para o fato de que Deus é o único Senhor e deve sê-lo efetivamente. Aparecem com frequência as palavras "fiel", "confiar", parentes da palavra "fé". Uma das dimensões da fé consiste justamente em ser fiel àquilo que o Senhor nos confiou. Temos que fugir àquela astúcia enganadora que nos leva a pôr nossa confiança nas criaturas ao invés de confiar no Criador. Trata-se de uma deformação, de uma perversão mesmo, que muda os meios em fim, e nos leva a servi-los em vez de servirmo-nos deles.

O Evangelho de hoje é forte e ensina o que é a falsa sabedoria: crer que o bem-estar, o conforto e o progresso econômico é tudo na vida do homem. O único fruto desse comportamento mesquinho, centrado em si mesmo, é a escravização de uns pelos outros, que rouba do homem a capacidade de fazer o bem e faz a busca pelo lucro a todo custo ser o volante de nossa vida. Verdadeiramente astuto e sábio é quem sabe que tudo é dom de Deus e meio para se construir a comunhão com Deus e com os outros, verdadeiro fim da vida humana. Dessa astúcia e dessa sabedoria jorram, como de única fonte, a ação de graças em relação a Deus e a partilha em relação aos irmãos e irmãs. Os bens não devem ser anulados e desprezados, mas devem ser aplicados para atingirmos o verdadeiro Bem!

José Antônio Pagola

"Não podeis servir a Deus e ao Dinheiro". Estas palavras de Jesus não podem ser esquecidas nestes momentos por aqueles que nos consideramos seus seguidores, porque contêm o aviso mais sério que Jesus deixou à humanidade. O Dinheiro, convertido em ídolo absoluto, é o grande inimigo da construção desse mundo mais justo e fraterno, desejado por Deus.

Infelizmente, a Riqueza se tornou em nosso mundo globalizado um ídolo de imenso poder que, para sobreviver, exige cada vez mais vítimas e desumaniza e empobrece cada vez mais a história humana. Na atualidade estamos aprisionados por uma crise gerada em grande medida pela ânsia de acumular.

Praticamente tudo se organiza, se move e dinamiza a partir dessa lógica: buscar mais produtividade, mais consumo, mais bem-estar, mais energia, mais poder sobre os outros ... Esta lógica é imperialista. Se não a pararmos, ela pode colocar em risco o ser humano e, o próprio Planeta.

Talvez, o primeiro seja tomar consciência do que está acontecendo. Esta não é só uma crise econômica. É uma crise social e humana. Nos dias que correm já temos dados suficientes ao nosso redor e no horizonte do mundo para perceber o drama humano em que estamos imersos.

É cada vez mais óbvio que um sistema que produz uma minoria rica que acumula mais e mais poder, deixando na fome e na miséria milhões de seres humanos, é uma insensatez insuportável. Inútil procurar razões em outro lugar.

Já nem mesmo as sociedades mais avançadas são capazes de garantir um trabalho digno para os milhões de cidadãos. Que progresso é esse que, levando-nos todos ao bem-estar, deixa tantas famílias sem recursos para viver com dignidade?

A crise está arruinando o sistema democrático. Pressionados pelas exigências do Dinheiro, os governantes não podem satisfazer as verdadeiras necessidades dos seus povos. O que é a política se já não estiver a serviço do bem comum?

A redução dos gastos sociais nos vários campos e a privatização interessada e indigna dos serviços públicos, como a saúde, continuará a atingir os mais indefesos, gerando cada vez mais exclusão, desigualdade vergonhosa e fratura social. Os seguidores de Jesus não podem viver trancados em uma religião isolada deste drama humano. As comunidades cristãs podem ser nestes momentos um espaço de conscientização, discernimento e compromisso. Temos que ajudar a viver com lucidez e responsabilidade. A crise nos pode tornar mais humanos e mais cristãos.

Paróquia Santa Maria Goretti – Pastoral da Catequese

Encontro de formação

26º Domingo do Tempo Comum 25-9-2016

Lc 16,19-31

No Evangelho de Lucas, algumas parábolas são contadas por Jesus no longo trajeto da subida a Jerusalém, que iniciou em Lc 9,51. Enquanto o capítulo 15 se ocupa da alegria por encontrar o que estava perdido e da misericórdia de Deus revelada neste encontro, o capítulo 16 fala da atitude que o discípulo deve manter diante dos bens materiais e a forma com que deve administrar sua vida. Neste contexto, está a parábola do homem rico e do pobre Lázaro, que conclui o tema.

- Havia um homem rico: Diferente de Lázaro, o homem rico não tem nome. Dessa forma, os pequeninos são vistos com cuidado e atenção da parte de Jesus. Na parábola, este homem rico é desenhado de maneira bastante exagerada, fazendo festas todos os dias, esbanjando de sua riqueza para seu próprio prazer.

- Púrpura e linho: Estas vestes indicam que provavelmente ele tinha uma vida de príncipe (cf. Pr 31 ,22). A púrpura era uma vestimenta real (1 Mc 8,14), colorida com uma tinta fenícia e o linho era trazido do Egito para confeccionar roupas interiores.

- Lázaro: é o formato grego do nome hebraico Eleazar, que aparece no Antigo Testamento (Ex 6,23), significando "Deus ajudou". O nome deste pobre é bastante significativo na parábola, mostrando como Deus está ao lado dos que não são ajudados na terra. Sua situação era a pior possível: estava impossibilitado e doente, então tinha que viver "no chão".

- Vinham os cachorros lambe suas feridas: os cachorros tratam melhor o pobre Lázaro do que o rico. Estes ao menos vêm lambe-lhe as feridas e aliviar a sua dor. Sua situação é de total abandono. Os judeus chamavam os outros povos de "cães". Talvez Jesus esteja querendo ensinar que os pagãos tratam melhor os pobres do que o povo de Deus! No Evangelho de Lucas, Jesus já havia falado de um homem assaltado caído à beira do caminho que havia sido cuidado não por um judeu, mas por um samaritano (Lc 10,29-37).

- A morte: Os dois homens morrem igualmente, mas o destino de ambos é diferente. O pobre Lázaro é levado pelos anjos ao seio de Abraão, lembrando o "encontro com os antepassados" (cf. 1 Rs 1,21), um lugar de refrigério e descanso. Pode ser que a palavra "seio" (no grego, kolpos) esteja relacionada a um lugar de honra de um convidado de um banquete, ao lado do anfitrião. O rico, por sua vez, terá outro destino: vai para a mansão dos mortos e lá está em uma posição débil.

- Tem piedade de mim: Abraão era o pai de todos os judeus (Lc 3,8), então o grito do rico por piedade é dirigido a ele. Seu grito manifesta ainda mais sua debilidade: agora, ele é que tem que pedir piedade e implorar a compaixão de Abraão e tem que reconhecer que Lázaro está ao seu lado.

- A sede: A língua é justamente o órgão do gosto, ligado aos banquetes e às festas. Ao pedir que aplaque sua sede, chama por Lázaro, assumindo que o conhecia e que lhe era negligente em vida.

- Súplica pela família: A súplica pelos seus mostra o arrependimento do rico que, em meio a tanto tormento, tenta um gesto de solidariedade e pensa em seus irmãos. Porém nem a eles Lázaro pode ir. A norma válida para todos é a de Moisés e os profetas, ou seja, a lei e os profetas, que ensina o homem a ser justo diante de Deus e a fazer o bem.

- Visita de um morto: O homem rico ainda tenta uma última solução: se alguém voltar do céu, eles vão acreditar. Porém, é inútil se aqueles que não escutam Moisés e os Profetas, muito menos vão escutar alguém que desce dos céus ou um ressuscitado. Ali estava Jesus que veio do céu e os fariseus não queriam ouvi-lo.

A parábola do rico e do Lázaro é um grande convite para a conversão. Todos os homens são chamados a fazer o bem enquanto vivos e a suportar os sofrimentos, crendo que a consolação junto de Deus é certa. A parábola ensina que, para tomar decisões corretas, é sempre útil colocar-se do ponto de vista do fim, e fazer agora aquilo que, então (no fim), gostaríamos de ter feito e não podemos mais. Depois, como diz o provérbio, não adianta chorar sobre o leite derramado. É preciso converter-se agora à Lei e aos profetas, que ensinam o que deve ser feito! Depois, é

tarde demais. Afinal, deve-se viver o dia de hoje como se fosse o último da vida, e o último dia da vida como se fosse o primeiro!

José Antônio Pagola

De acordo com Lucas, quando Jesus gritou "não podeis servir a Deus e ao dinheiro", alguns fariseus que o estavam ouvindo e eram amantes do dinheiro "riam-se dele". Jesus não recua. Em seguida, conta uma parábola bem cortante para que aqueles que vivem escravos da riqueza abram os olhos.

Jesus descreve em poucas palavras uma situação cruel. Um homem rico e um pobre mendigo que vivem próximos um do outro, mas estão separados pelo abismo que existe entre a vida de opulência insultante do rico e a miséria extrema do pobre.

A história desenha os dois personagens enfatizando fortemente o contraste entre os dois. O homem rico está vestido de púrpura e linho finíssimo, o corpo do pobre está coberto de feridas. O rico se banqueteia esplendidamente não apenas nos dias de festa, mas diariamente, o pobre está deitado em seu portal, sem poder levar à boca o que cai da mesa do rico. Só se aproximam para lambar suas feridas os cães que vêm procurar algo no lixo.

Não se fala em momento algum de que o rico tenha explorado o pobre ou que o tenha maltratado ou desprezado. Dir-se-ia que não fez nada de errado. No entanto, sua vida inteira é desumana, porque só vive para o seu próprio bem-estar. Seu coração é de pedra. Ignora totalmente o pobre. Ele o tem diante de si, mas não o vê. Está justo ali, doente, faminto e abandonado, mas o rico não é capaz de atravessar a porta para cuidar dele.

Não nos enganemos. Jesus não está só denunciando a situação da Galileia dos anos trinta. Ele está tentando sacudir a consciência daqueles que nos acostumamos a viver na abundância, tendo, junto à nossa porta, a algumas horas de voo, povos inteiros que vivem e morrem na miséria mais absoluta.

É desumano fechar-nos em nossa "sociedade do bem-estar", ignorando totalmente essa outra "sociedade do mal-estar". É cruel continuar alimentando essa "secreta ilusão de inocência" que nos permite viver com a consciência tranquila, pensando que a culpa é de todos e de ninguém.

Nossa primeira tarefa é romper com a indiferença. Resistir-nos a continuar desfrutando de um bem-estar vazio de compaixão. Não continuar isolando-nos mentalmente para afastar a miséria e a fome que existem no mundo a uma lonjura abstrata, para podermos viver assim sem ouvir nenhum grito, gemido ou pranto.

O Evangelho nos pode ajudar a viver vigilantes, sem nos tornar cada vez mais insensíveis aos sofrimentos dos abandonados, sem perdermos o senso de responsabilidade fraterna e sem permanecermos passivos quando podemos agir.

Paróquia Santa Maria Goretti – Pastoral da Catequese

Encontro de formação

27º Domingo do Tempo Comum 02-10-2016

Lc 17,5-10

O Evangelho de hoje é parte dos ensinamentos de Jesus no caminho em direção a Jerusalém. A pergunta que os Apóstolos fazem a Jesus só está presente no Evangelho de Lucas. Jesus não responde à pergunta, mas ensina sobre a fé. Em seguida, acrescenta uma parábola sobre a gratuidade do serviço ao Reino (também somente em Lucas), ao que parece, não mais só aos apóstolos, mas à toda a multidão.

- Os apóstolos disseram ao Senhor: Os Apóstolos formam o grupo dos Doze. Não se informa o nome de quem fez a pergunta. Ela é colocada na boca de todos eles. Jesus é nominado duas vezes como "Senhor". Isso dá uma ideia do contexto da Igreja nascente. Na sua caminhada, os apóstolos sentem a grandeza da missão e sentem também a sua fragilidade humana.

- Aumenta a nossa fé: O caminho para Jerusalém é diferente da missão na Galileia, onde tudo era mais tranquilo. As ameaças surgem e é preciso ter as forças espirituais necessárias para superá-las. Os apóstolos deviam ver isso no Mestre Senhor na sua firmeza em dirigir-se a Jerusalém. É isso que a Igreja precisará quando terá que ir até os confins do mundo (At 1,8).

- Fé como um grão de mostarda: A semente de mostarda já foi usada como parábola para indicar o dinamismo no Reino de Deus. Pequena hortaliça, ela cresce e se torna árvore onde as aves se abrigam em seus ramos (ver Lc 13,19). A fé em Deus gera amor, misericórdia e perdão. A fé dá força e a coragem diante das adversidades da vida. Esta fé é que pode remover árvores maiores que a mostarda, como a amoreira. A fé está dentro de cada um dos apóstolos para que superem as adversidades do caminho.

- A parábola do empregado que serve: Jesus continua o seu ensinamento contando uma parábola. O servo é aquele que se coloca em último lugar, deve colocar-se a serviço. Foi isso que Jesus fez no Lava-pés (Jo 13,1-11), ao contrário de como agem os patrões humanos. Maria, a mãe de Jesus, respondeu "Eis aqui a serva do Senhor" quando recebeu o anúncio do Anjo (Lc 1,38). Portanto, o servo não é o que está em primeiro lugar, e nem o primeiro a sentar-se à mesa.

- Somos servos inúteis: O termo grego é traduzido melhor por "não necessários". No Reino os discípulos são servidores porque Deus é o Senhor. Ao cumprir a missão os discípulos devem se alegrar porque colaboraram com a obra de Deus, sem esperar com isso receber recompensa. Não devem buscar a sua glória, nem qualquer interesse pessoal, mas sentir-se honrados por participar gratuitamente da construção do Reino, como ensina o salmista "Não a nós, Senhor, não a nós, mas ao teu nome dá glória" (Sl 115, 1). De fato, os Apóstolos desde o início rejeitaram a glória para eles (At 3,12; 10,26; 14,15). A beleza da missão está justamente na gratuidade do serviço prestado e em ver em tudo a graça de Deus.

Dois temas dominam o Evangelho de hoje: a) a fé que deve ser cultivada, pois é ela que nos dá força na caminhada. Jesus mesmo rezou para que a fé de Simão não desfalecesse (Lc 22,32). Somente com fé a Igreja se sustenta diante dos desafios e das ciladas do mundo. b) a gratuidade do serviço. É isso que sustenta a Igreja e o Reino. Quanto bem prestado gratuitamente a cada dia em nossa Igreja, nas pastorais, na catequese, na liturgia, na formação ... Ao contrário, é quando alguns buscam o poder e a glória que deturpam a imagem da Igreja.

José Antônio Pagola

Jesus lhes tinha repetido em diversas ocasiões: "Quão pequena é a vossa fé!". Os discípulos não reclamam. Sabem que ele tem razão. Passaram tempo suficiente com ele. Eles o veem totalmente entregue ao Projeto de Deus; só pensa em fazer o bem; vive só para fazer a vida de todos mais digna e mais humana. Poderão segui-lo até o fim?

Segundo Lucas, em um determinado momento, os discípulos dizem a Jesus: "Aumenta a nossa fé". Sentem que a sua fé é pequena e fraca. Precisam confiar mais em Deus e acreditar mais em Jesus. Não o entendem muito bem, mas não discutem com ele. Fazem justamente o mais importante: pedir-lhe ajuda para que faça crescer a sua fé.

A crise religiosa de nosso tempo não respeita nem mesmo os praticantes. Falamos dos que creem e dos que não creem como se fossem dois grupos bem definidos: alguns têm fé, outros não. Na verdade, não é bem assim. Quase sempre, no coração humano há, ao mesmo tempo, um crente e um descrente. Por isso, também aqueles que nos chamamos de "cristãos" temos que nos perguntar: Será que acreditamos realmente? Quem é Deus para nós? Nós o amamos? É realmente ele que dirige a nossa vida?

A fé pode enfraquecer-se em nós sem que nunca nos haja assaltado uma única dúvida. Se não a cuidarmos, ela pode ir-se diluindo pouco a pouco em nosso interior até ficar reduzida simplesmente a um costume que não nos atrevemos a abandonar, pois nunca se sabe ... Distraídos por mil coisas, já não acertamos a comunicarmos com Deus. Vivemos praticamente semeie.

O que podemos fazer? Na verdade, não se necessitam grandes coisas. É inútil fazer propósitos extraordinários, pois certamente não vamos cumpri-los. O primeiro é rezar como o desconhecido que um dia se aproximou de Jesus e lhe disse: "Creio, Senhor, mas ajuda a minha incredulidade". E bom repeti-lo com coração simples.

Deus nos entende. Ele despertará a nossa fé. Não devemos falar com Deus como se estivesse fora de nós. Está dentro. O melhor é fechar os olhos e ficar em silêncio para sentir e acolher a sua Presença. Também não devemos entreter-nos em pensar nele, como se ele estivesse só em nossa cabeça. Está no profundo do nosso ser. Devemos procurá-lo em nosso coração.

O importante é insistir até ter uma primeira experiência, mesmo que seja pobre, ainda que dure apenas algum instante. Se um dia percebermos que não estamos sozinhos na vida, se entendermos que imerecidamente somos amados por Deus, tudo vai mudar. Não importa que tenhamos vivido esquecidos dele. Crer em Deus é, acima de tudo, confiar no amor que ele tem por nós.